

A APREENSÃO DO SER EM SANTO TOMÁS DE AQUINO: A PRIMEIRA OPERAÇÃO DA INTELIGÊNCIA

The apprehension of being in Saint Thomas Aquinas: the intellect's first operation

Por isso, em todo gênero há um primeiro, que é a medida de tudo que se encontra neste gênero. Portanto, convindo quaisquer coisas em algo uno, são elas necessariamente dependentes de algum princípio recíproco. Ora, todas as coisas convêm no ser¹.

Willian Kalinowski²

Resumo:A finalidade deste estudo em todo seu proceder é apontar que, no ato simples e primeiro da *inteligência*, está à nobreza do ser que pensa. Não apenas o desejo natural e *ad infinitum* pelo saber, como ensina Aristóteles, entretanto, mesmo a atividade moral e política, ao se realizar por meio da virtude, tem seu fundamento no ato da inteligência: *a apreensão simples do ser, sem afirmar ou negar nada da coisa*. A apreensão simples se caracteriza por ser: a) simples, por isso limitada (*indivisibiliuminteligentia*), ao captar o ser sem verdade ou falsidade; b) abstrata, sem mistura da matéria concreta (*universalisabstrahere*); e, c) grandiosa, pelo fato de toda a perfeição da vida se fundamentar neste ato. A inteligência não apreende seu objeto diretamente, ela realiza etapas. Neste estudo apresentamos um panorama geral dessas etapas, partindo da metafísica e psicologia racional de *Santo Tomás de Aquino*, assim, alcançando a finalidade e pretensão dessa pesquisa, descrever o ato da inteligência como fundamento da vida.

Palavras-chave:Inteligência. Apreensão simples. Ser. Tomás de Aquino.

Abstract:The aim of this article is to point that the nobility of the rational animal, the human being, is in the first and simple act of intellect. Not only the natural and *ad infinitum* desire for knowledge, as teaches Aristotle, but also the moral and political activities, by fulfilling itself through virtue, have its foundations on the intellect act: the simple apprehension of being, that doesn't affirms or denies nothing of the apprehended objects. The simple apprehension is: a) simple, therefore limited (*indivisibiliuminteligentia*), capturing the being without true or falseness; b) abstract, unmixed with the concrete matter (*universalisabstrahere*); and, c) grand, once all of life's perfection is based upon this act. The intellect doesn't apprehend its object directly, but through steps. In this paper we present this steps, departing from Saint Thomas Aquinas metaphysics and rational psychology until reaching the goal of our research: the description of the intellect act as life's foundation.

Keywords:Intellect. Simple apprehension. Being. Thomas Aquinas.

1. Introdução

Aristóteles, na sua obra *De Anima*³, descreve o intelecto agente como uma potência ativa. Assim como à luz faz as cores em potência cores em ato, o intelecto agente torna os

¹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. XLII.

² Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: willianka2013@gmail.com

seres inteligíveis em potência, na matéria sensível, formas inteligíveis em ato. A atividade descrita por Aristóteles pode parecer simples: tornar as coisas materiais fora do espírito, imateriais no espírito. Contudo, não nos deixamos enganar pela simples aparência. Ao abstrair da espécie sensível a espécie inteligível, a inteligência recebe, poderíamos dizer, seu combustível máximo. Ela apreende, ao seu modo, o ser universal de uma realidade distinta dela mesmo, porém, ao seu modo. O que existia somente *extra anima*, agora está *in anima*. Ademais, dizemos que já existia, ora, quer dizer que não é uma realidade criada ou construída *ab anima*⁴.

A abstração ainda não é uma operação totalmente intelectual, uma vez que, é sob a imagem sensível que ela age. Logo, seu produto, a espécie inteligível, ao ser apreendida pela inteligência, realizará a primeira e basilar operação do conhecimento intelectual: a simples apreensão do ser, sem afirmar ou negar nada.

O conhecimento intelectual real e lógico se caracteriza por três operações da atividade cognitiva do espírito: a apreensão simples do ser, o juízo e o raciocínio. Nosso artigo deseja apresentar, a partir da filosofia de Santo Tomás de Aquino, em sua metafísica e psicologia racional, a maneira que a inteligência humana realiza a sua primeira e simples operação: a apreensão do ser.

Poderíamos dizer que é uma simples, limitada e grandiosa operação. 1) Simples, pois, por meio dela a inteligência adquire seu objeto próprio, o ser, *quidditas rerum*, destituída de todos seus acidentes, ainda que em um primeiro instante confusamente. O termo clássico para essa expressão que é utilizado por Santo Tomás é *indivisibilium intelligentia*; 2) limitada, visto que logicamente ao aprender o ser a inteligência, neste ato, se encontra confusa e não distinta; e, 3) grandiosa, pelo fato de, por ela, se fundamentar todo o bem, toda a ciência e toda a sabedoria. Além do mais, os conhecimentos raciocinativos/discursivos dos seres humanos, dependem e se fundamentam neste ato. Deste modo, ao apreender o ser a inteligência apreende a verdade, não de maneira completa e acabada, o que é próprio do homem pelo raciocínio, mas, de maneira simples e universal, pela unidade do ser, perfeita. A inteligência afirmando a profunda verdade da coisa, e a razão, o discurso e a investigação até a coisa. Pierre Rousselot afirma que, da aquisição do ser pela inteligência depende “todo o valor, toda a intensidade da vida e a própria essência do bem – idêntico ao ser”. Ou seja, se o valor da vida humana está na operação da inteligência, está tem seu valor máximo, justamente, pelo

³ Aristóteles. *De Anima*. L. III, C. V, [430 a10].

⁴ Pela alma.

modo que apreende o ser. Logo, ao aprender a realidade deste modo, o ser humano realiza seu ato específico, ato da espécie humana. Nosso tem a intenção de refletir sobre essa verdade na filosofia de Santo Tomás.

2. A apreensão simples: a primeira operação do espírito

Santo Tomás ensina que a inteligência é a faculdade da alma que conhece o ser. Essa faculdade opera de maneira totalmente distinta, ela apreende o essencial do acidental. Sua operação é espiritual e não material, logo, seu objeto deve ser apreendido espiritualmente. O que é a apreensão simples? Henri-Dominique Gardeil, em sua iniciação à filosofia de Santo Tomás, afirma que a definição geral dessa operação é: “*ato pelo qual a inteligência apreende a essência de uma coisa, quidditas, sem nada afirmar ou negar*”⁵. O conhecimento, como desejamos mostrar neste trabalho, se fundamenta nessa operação primeira, e como isso a nobreza da vida humana, visto que é justamente esse o passo além dos animais irracionais que damos.

Ao realizar essa operação, a forma do objeto, que está na coisa *extra anima*, se torna presente no intelecto. O juízo, segunda operação do conhecimento é que afirma ou nega algo, ele afirma ou nega uma *existência*, que já está na inteligência pela apreensão.

Ora, a operação de aprender o ser, além disso, é caracterizada por ser simples, abstrata, de certa maneira confusa: “a primeira operação do espírito é ordenada à apreensão da essência das coisas, que ela exprime em conceitos. Mas, de fato, por causa da fraqueza da nossa inteligência, nós não apreendemos essa essência a não ser de maneira confusa, ou seja, não distinta⁶”, mas, como sabemos, para santo Tomás não é necessário um conhecimento imediato, isto é, que a realidade por mim conhecida seja idêntica à própria ideia que eu tenho dela, este é o próprio do ideal supremo e máximo da apreensão do ser. É o próprio dos anjos e de Deus, não dos homens, que conhecem por *etapas*, de uma coisa a outra: “como nosso intelecto conhece várias coisas por meio de espécies diversas, não pode conhecer simultaneamente muitas coisas. Assim sendo, não pode conhecer infinitas coisas, a não ser enumerando-as sucessivamente”⁷. Ora, para o doutor angélico, nos seres humanos, ele só se

⁵Gardeil, H-D. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino – Introdução, Lógica, Cosmologia*. 2013, p. 83.

⁶ Idem, p. 97.

⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, LXIX.

realiza em dois casos: o das intuições do eu atual por ele mesmo e o da visão beatífica (Rousselot, P).

Após dito isso, se pensarmos que é deste ato de apreensão do ser, ainda que em um primeiro momento confuso, e sem afirmarmos ou negarmos nada, que depende toda a construção do edifício que nos conduz a Deus e que nos torna, de certa maneira, possuidores de outros seres, ficamos espantados e maravilhados: “a inteligência é o sentido do divino, por ser capaz de atingir a Deus desse modo; e para fazer disso uma ideia correta é preciso compreender que seu papel é *captar* seres, não fabricar conceitos ou ajustar enunciados”⁸.

Esse é o fundamento de nosso estudo: *a inteligência é a faculdade que apreende, capta, recebe o ser*. E sua primeira operação é de suma importância, pois é dela que se desdobrarão todas as outras operações verdadeiramente espirituais. Afirmamos que o sujeito e o objeto, no ato do conhecimento, formam, como diz Sertillanges, uma síntese real; que os liga certa afinidade de constituição verdadeiramente fundamental, que se encontra no *ser*⁹. Logo, disso entendesse que há uma disposição formal tanto no sujeito que conhece e no objeto conhecido, e que esta disposição está posta no ser de ambos, pois, aquilo que forma o ser da matéria parece estar em comunicação com aquilo que forma o ser do espírito, de maneira recíproca.

Dito isso, o estudo da apreensão simples da realidade pode ser visto por três aspectos: a) o que *antecede a apreensão*; b) *apreensão em si*; e, c) as *operações pós-apreensão*.

A necessidade de resumirmos e explicarmos satisfatoriamente essa doutrina não nós permite aprofundarmos as operações que a alma realiza *pós-apreensão*, como a ideia, o conceito, indo além, o juízo ao raciocínio, até a verdade: *adequatio rei et intellectus*.

A inteligência humana, elevada a certo grau de imaterialidade, que seja conveniente ao seu ato, se torna apta a receber em si, além de sua forma, outras formas, outros seres, como que lendo a essência das coisas, a inteligência recebe em si outro conteúdo, e o retém ao seu modo.

Entramos aqui em uma questão de metafísica do conhecimento ou psicologia racional. Anterior à apreensão do universal simples, podemos nos perguntar de que modo essa apreensão se realiza. As coisas na realidade, como vemos, existem ao seu modo material e particular, todavia, na inteligência elas são feitas imateriais e universais. O homem não conhece a pedra a maneira da pedra, mas, a forma de pedra, que contém sua essência.

⁸Rousselot, P. *A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino*. 1999, p. 24.

⁹Sertillanges, A-D. *As Grandes Teses da Filosofia Tomista*. 1952, p. 13.

Compreendemos, então, que há dois modos das coisas existirem: um no espírito e outro na realidade. Escreve Gardeil: “por uma abstração, inicialmente, a inteligência extrai dos singulares que estão na origem do nosso conhecimento, a natureza que é comum a todos”¹⁰. A inteligência conhece as coisas recebendo delas alguma forma, e as recebe ao seu modo, como escreve o próprio santo Tomás: “é da natureza do conhecimento que o cognoscente contenha a espécie do objeto conhecido segundo seu modo próprio”¹¹. Esse modo de conhecer as coisas é inerente ao próprio ser humano.

A *história da Filosofia* nos apresenta várias visões dessa questão. Ao longo do estudo da escolástica, uma questão principal nos aparece, podia-se quase dizer uma questão única: *a da conquista do ser*¹². Os voluntaristas, por um lado, atribuem à vontade essa aquisição do ser pela transformação nele, o que é, para santo Tomás, o próprio do intelecto (Rousselot, P). Escreve Frederick Copleston:

La filosofía de santo Tomás es esencialmente realista y concreta. Santo Tomás adopta sin duda la fórmula aristotélica de que la filosofía primera o metafísica estudia el ser en cuanto ser; pero está perfectamente claro que la tarea que él se propone es la de explicar el ser existente, en la medida en que es posible ser conseguido por la mente humana. En otras palabras, no presupone una noción a partir de la cual haya de deducir se la realidad, sino que toma su punto de partida en el mundo existente, e inquiere cuál es su ser, cómo existe, cuál es la condición de su existencia¹³.

A realidade é o ponto de partida da filosofia de santo Tomás. Não uma realidade criada por nossa mente ou deduzida de princípios racionais inatos, dando ensejo à formação de uma ideia mental da realidade anterior ao próprio contato com o ser, mas, uma realidade que parte do próprio ser, e que só pode ser explicada a partir do ser que ela é. Todavia, cada ser cognoscente conhece a realidade a seu modo. O importante é termos sempre em vista que, para Santo Tomás, a inteligência que realiza esse ato de compreender a realidade do ser, como ele existe, qual suas categorias e sua relação com os inteligíveis, a partir dele mesmo.

Todos os seres que conhecem, possuem o saber, como dito acima, a seu modo. Os *animais irracionais*, no mais baixo da escala dos seres que tem a potência do conhecer, conhecem as formas, isto é, a forma da matéria corpórea pelos *sentidos*. Limitando sua atividade ao conhecimento sensível e particular. Em grau acima, “situa-se a *inteligência humana*, que, tem por objeto a forma existente na matéria corporal, mas não enquanto está em

¹⁰ Gardeil, H-D, *Iniciação à filosofia de Santo Tomás de Aquino - psicologia, metafísica*. 2013. p, 104.

¹¹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. LXX.

¹² Que serve de pano de fundo para a famosa questão dos Universais.

¹³ COPLESTON, F, *História de la Filosofia: volume ii*, p. 253.

tal matéria”¹⁴. A *inteligência angélica*, segundo santo Tomás, conhece as formas sem a matéria, por um ato imediato, chamado intuição. Por fim, a *inteligência divina*, onde o ato de entender se confunde com sua essência, por isso, conhece tudo em um só ato, pois tudo que existe é igual a Ele mesmo.

A inteligência humana, até o conhecimento da verdade, no ato de “*adequação do intelecto à coisa*, enquanto o intelecto diz *o que é*, e que *o que não é não é*”¹⁵, por causa de sua limitação e também própria imperfeição dos objetos conhecidos e dos sentidos, realiza algumas etapas.

Santo Tomás, assim como o Filósofo¹⁶, ensina que o conhecimento humano possui seu objeto, em um primeiro momento, na natureza existente na matéria. Essa natureza é recebida pelos sentidos. Logo, desse encontro parte e se origina todo o conhecimento humano. O edifício do conhecimento parte do contato dos sentidos com o objeto, todavia, é superior aos sentidos e evidentemente inferior ao intelecto divino.

O primeiro passo é o contato do objeto *extra animam* com os nossos sentidos, neste momento é imprimida a *forma sensível* da matéria singular, que possui em si a *quididade* da coisa, porém, está dentro dos limites da matéria individualizante, o que para a inteligência humana, ainda em potência, pouco significa. Desse contato é gerada uma imagem sensível, como dito acima, que é formada do choque entre a forma material e os sentidos internos e externos. O que resulta desse choque é chamado por Aristóteles e Santo Tomás de *fantasma*. Pelos sentidos se inicia o processo de associação entre as coisas e o pensamento, o sujeito que conhece, como tal, e o objeto conhecido, a inteligência e o inteligível, o que, como um para o outro, atuam um sobre o outro. Os animais irracionais podem, assim como os homens, receber a forma sensível de determinada realidade. No entanto, sua atividade se limita a passividade da forma sensível recebida, nunca a atividade espiritual que produz a forma intelectual abstraída e inteligida.

Deste modo, diferente dos animais irracionais, no ser humano pela atuação do *intelecto agente* é realizado o primeiro movimento totalmente intelectual da alma humana: a *abstração*, fundamento da apreensão do ser. Antes de compreendermos essa operação essencialmente espiritual da alma humana, iremos ver como que Santo Tomás nos ensina que acontece o contato entre os sentidos e os sensíveis, e qual o produto deste contato.

¹⁴ GARDEIL, H. D., *iniciação a filosofia de São Tomás de Aquino – psicologia, metafísica*. 2013. p. 102.

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. LIX.

¹⁶ Aristóteles (384-322).

2.1 A recepção pelos sentidos

O processo do conhecimento humano, em santo Tomás de Aquino, depende da relação que há entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido. Quem conhece é feito para conhecer, e o que é conhecido é feito para ser conhecido. A causa formal e final de ambos os inclina a esta mútua operação. O princípio da capacidade de conhecer e o da capacidade de ser conhecido, enquanto é conhecido, se identificam. Todo ente que existe é verdadeiro, por isso é ontologicamente inteligível. Isto é, é feito para ser conhecido pela inteligência, da mesma maneira esta é conformada para conhecer o que existe.

Por isso, na ordem do conhecimento, o ser racional potencialmente conhece as formas sensíveis, o que é também conhecido pelos brutos, todavia, por meio dos sentidos do corpo e pela inteligência, ele pode conhecer as formas inteligíveis. Escreve A-D Sertillanges:

A alma humana tem perfeição suficiente para subsistir por si mesma, como o anjo; mas não, para se caracterizar individualmente e agir sem a cooperação do corpo. Este serve-lhe para captar vibrações cósmicas e para lhes responder pelas suas reações. Só por meio do corpo nos é dado conhecer, não digo já a matéria, mas também o espírito; pois toda a ideia, até mesmo a de Deus, radica primitivamente nas coisas, as quais só através dos sentidos entram em nós.¹⁷

O semelhante conhece o semelhante. Mas, na alma humana o conhecimento do semelhante sensível pelos sentidos não é o ato que a caracteriza. Na questão 76, da *Primaparts* da *Suma de Teológica*, o Doutor Angélico trata da união da alma e do corpo. Diz santo Tomás que o nutrir-se, o sentir, o mover-se e o inteligir são partes do homem¹⁸, no entanto, como o inteligir é aquilo que “é a forma do corpo humano”¹⁹, ao percebermos claramente que o homem opera por meio da sua inteligência, e que esta é a operação mais nobre por ele realizada, pode-se afirmar que essa é sua forma. Seu ser atual é ser conforme esta forma. Não são os sentidos que nos movem e fazem agir, e sim, a inteligência, como forma, entretanto, não como motor. Todavia, há uma importante e necessária dependência dos

¹⁷Sertillanges, A-D. *As Grandes Teses da Filosofia Tomista*. 1951, p, 77.

¹⁸ A alma humana sendo *una* como forma do corpo, possui potências destinadas a cada objeto próprio. Logo, para realizar o movimento, para nutrir-se, para sentir, para conhecer e para querer, a alma dispõe de potências para estes atos.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, I, *Suma Teológica*, q. 76, a. 1, resp.

sentidos para que a inteligência realize seu ato. Na questão 84 e 85, da *Primapars* da *Suma Teológica*, o Aquinate passa a explicar por meio do que, e em qual ordem a alma que está unida ao corpo entende as coisas corpóreas. A alma, pela faculdade da inteligência, por sua essência não pode entender os seres corpóreos. Ela necessita dos sentidos externos e internos, de onde, em um primeiro momento, se origina a *matéria* do conhecimento humano.

Já sabemos que a alma compreende os corpos pelo intelecto. Interrogamos agora: como um objeto que tem sua forma limitada a existir na matéria (esta mesa, concreta a minha frente), pode ter algo em comum e semelhante com outro objeto, que não tem sua forma e ato limitado pela matéria e que é espiritual e imaterial (minha inteligência)? Deve haver algo que seja comum a ambos²⁰. Pois, se não é pela essência mesma da alma que ela conhece os seres corpóreos, é por meio dos sentidos do corpo em um primitivo momento. Mas qual a semelhança entre a inteligência e os sentidos? O ponto de semelhança é a forma sensível que está em potência para o intelecto. Intelecto que também se encontra em potência para receber as formas intelectivas, abstraídas das imagens sensíveis.

Explicaremos essa operação, o processo que antecede a apreensão simples do ser, ou seja, a recepção das espécies inteligíveis e do universal pela *abstração*.

2.2 A abstração

O homem ao conhecer conhece a natureza abstrata desde ou daquele indivíduo, nunca apreende sua natureza individual em si mesma. Minha inteligência não apreende a mesa concreta, porém, a forma de mesa. A natureza abstrata de cada indivíduo é conhecida, adequada a certo indivíduo, mas nunca captada individualmente, com sua matéria real. A causa disso é a matéria individualizante de cada indivíduo que impede e limita o conhecimento da realidade material. Para o espírito que conhece, sujeito do conhecimento, o conhecimento está em potência na matéria. A alma humana por não ter em si naturalmente infuso o conhecimento da verdade, e por ser espiritual ao mesmo tempo, deve buscá-lo nas coisas que são passíveis de divisão, e isso acontece por meio dos sentidos, que a partir daquilo

²⁰ Sob este ponto de vista metafísico, podemos analisar o sujeito cognoscente também como um objeto. Como um ser que conhece espiritualmente. É o que fazemos aqui. Ambos objetos com formas materiais, formais e finais distintas, um ser particular e concreto, o outro universal e imaterial, entretanto, possuem algo em comum que possibilite a transformação e recepção de um no outro, de certa maneira. Conhecida tese da *identidade formal* na teoria da intencionalidade de Santo Tomás. Essa doutrina de Santo Tomás ensina que, só pode haver o conhecimento do objeto *ex anima, in anima*, devido a identidade formal que há entre o intelecto e o objeto, pois, ambos possuem um princípio formal que possibilita a apreensão de objetos materiais pela alma imaterial.

que é particular e múltiplo, fornecem a alma uma forma que ainda é individual, porém, que pelo trabalho da inteligência, ao apreender e captar o ser, se tornará universal. O intelecto que é a forma do homem, esta unido ao corpo. A inteligência humana é potencial frente ao conhecimento. O modo de ser do homem se manifesta no seu agir, não para conhecer sensivelmente, mas intelectualmente. Porém, o homem ontologicamente e antropologicamente se encontra em um grau intermediário, nem espírito puro nem matéria pura. Ele é uma criatura composta de substância espiritual e corpórea²¹.

Finalmente começamos efetivamente a responder a nossa inquietação anterior. O ser seja ele material, a mesa, ou imaterial, os números, que é objeto da inteligência, não é inteligível em si, como pensou Platão, mas é preciso arrancá-lo das coisas. Logo, a inteligência que conhece não é independente dos sentidos e da matéria em sua atividade. “No princípio de nossa existência, na qualidade de sujeitos, não conhecemos nada; vamos armazenando impressões e sensações obscuras; e depois vamos elaborando lentamente e sobretudo deixando a espontaneidade da vida o cuidado de elaborar estas aquisições e de formar com elas uma experiência”²². É preciso que a inteligência *veja* para além dos sentidos, no entanto, de um lado para *ver* ela precisa se apoiar humildemente nos sentidos. Escreve o Santo Doutor:

“É impossível ao nosso intelecto, no estado da vida presente, enquanto unido ao corpo, inteligir qualquer coisa, em ato, sem se valer dos *fantasmas* [...] o intelecto humano unido ao corpo, tem como objeto próprio a quiddidade ou natureza existente na matéria corpórea; e, por tais naturezas, do conhecimento das coisas visíveis ascende a um certo conhecimento das invisíveis. Ora, é da essência de tal natureza existir num indivíduo, o qual não existe sem matéria corpórea [...] ora, este nós o apreendemos pelo sentido e pela imaginação. E por isso, é necessário, para inteligir em ato seu objeto próprio, que o intelecto se valha dos *fantasmas* a fim de conhecer a natureza universal existente no particular”²³.

Como afirmado no subcapítulo anterior, a alma intelectual necessita do corpo para inteligir, e pelo corpo recebe as *formas sensíveis*, “e assim, enquanto está unida ao corpo, ela entende voltando-se para os *fantasmas*”²⁴ como afirma Santo Tomás. O *fantasma* é a imagem formada a partir das impressões recebidas pelos nossos cinco sentidos, complexa e carregada

²¹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 75. Desta questão até a questão 102 da *I parts*, santo Tomás escreve o seu *Tratado sobre o Homem*.

²²Sertillanges, A-D. *As Grandes Teses da Filosofia Tomista*. 1951, p, 15.

²³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 7, resp.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 86, a. 2, resp.

de todos os aspectos sensíveis de um objeto. No *fantasma* encontra-se toda a coisa material e particular. Diferente do ato sensível, o ato da inteligência é apreender a verdade, entretanto, se nossa inteligência não tivesse o auxílio dos sentidos, que são de certo modo, a causa material²⁵ do conhecimento, não poderia conhecer as coisas materiais, e como diz Sertillanges acima, nem as espirituais. Logo, conhecemos as coisas materiais. O conhecimento intelectual é o que procede por ideias gerais e abstratas. Isso não significa que não tenha relação com o conhecimento sensível. Ao contrário, apoia-se nele e tira dele seus próprios materiais, por um processo que, como veremos, se chama *abstração*. (JOLIVET, R) Portanto, de um lado os sentidos são a origem do conhecimento, por outro, ressaltamos que, por si só, as imagens sensíveis geradas pelo choque entre os sentidos e os sensíveis não são suficientes para tornar presente a imagem intelectual, “mas é preciso que se tornem em inteligíveis atuais”²⁶.

A inteligência por causa da união da alma com o corpo, não pode conhecer nada em ato sem se valer dos sentidos que produzem os *fantasmas*. Não há conhecimento intuitivo²⁷ ou inato²⁸. Pois, o intelecto sendo uma potência incorpórea não conhece os seres corpóreos em ato, mas em potência. Podemos dizer que o *fantasma* gerado pelo contato do sentido com o sensível fornece *parte* da origem do conhecimento espiritual, “o conhecimento sensitivo não é causa total do conhecimento intelectual”²⁹, visto que por si essa imagem ainda é material, por possuir ainda certa semelhança material. Logo, então é preciso que a própria inteligência complete e realize a sua operação no ato de conhecer. Aponta Santo Tomás: “Logo é necessário admitir uma virtude, no intelecto, que atualize os inteligíveis, abstraindo as espécies das condições materiais”³⁰. Essa virtude é o *intelecto agente*: “O intelecto agente causa o universal abstraindo-o da matéria”³¹. Por fim, para conhecer a natureza existente na coisa, é preciso que a própria inteligência realize sua operação sobre a imagem sensível.

A *abstração* é realizada pelo *intelecto agente* sobre a imagem sensível ou fantasma gerado pelos sentidos. Nesta operação específica o intelecto separa o essencial universal de

²⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 6, resp.

²⁶ Idem. I, q. 84, a. 6, resp.

²⁷ Como o dos anjos, que conhecem intuitivamente, não raciocinamente/discursivamente, de um raciocínio a outro.

²⁸ “Por onde, deve-se dizer que a alma cognoscitiva está em potência tanto para as semelhanças, que são os princípios do sentir, como para as semelhanças, que são os princípios do entender. E por isso Aristóteles ensinou, que o intelecto, pelo qual a alma entende, não tem nenhuma espécie que lhe sejam naturalmente ínsitas, mas é no princípio, potencial em relação a todas essas espécies”. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 3, resp.

²⁹ Idem. I, q. 84, a. 7, resp.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 3, resp.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 4, resp, ad 2.

tudo o que oferece a imagem sensível particular da coisa. É o processo pelo qual a inteligência separa de uma coisa um aspecto que, na realidade, está unido a muitos outros. Santo Tomás, assim como Aristóteles, admite na alma certa luz intelectual, o intelecto agente, ordenada a iluminar as imagens sensíveis que se fazem presentes na alma: “deste modo, “abstrair” equivale a elevar ao plano intelectual a ação das imagens”³². Logo, abstrair é considerar uma parte, num todo complexo, os elementos que o compõem. Escreve Regis Jolivet:

Enquanto operação que produz a ideia geral, a abstração é o ato pelo qual a inteligência pensa um objeto, deixando de lado seus caracteres singulares. Assim resultam de uma abstração as ideias de virtude, de bem, de triângulo, de mesa, de homem, etc., que excluem a consideração de todos os caracteres pelos quais a virtude é tal virtude (humildade, caridade), o bem, tal bem (esta para aqui para quem tem sede), o triângulo, tal triângulo (este triângulo isósceles inscrito na mesa)³³.

Ora, o intelecto conhece as coisas incorpóreas, como por exemplo, a sabedoria, a verdade, as relações das coisas³⁴.

Ao abstrair o universal do particular, o intelecto realiza sua primeira operação: *a simples apreensão do ser*. Do homem concreto, singular e particular, é abstraído a sua essência, o ser universal, que pode ser pensado sobre todos os seres da espécie homem, sejam gordos, magros, novos, velhos, brancos ou pretos, Paulo ou Pedro. Desta apreensão a inteligência capta o ser, a ideia, o conceito. De maneira geral e perfeita.

Pela abstração, realizada pelo intelecto agente, a inteligência torna imaterial o objeto que até então era material e intelectual em potência. O ser que era *extra anima* faz-se pelo ato do intelecto agente, a abstração, *in anima*. Por isso, Aristóteles diz que é próprio do intelecto agente fazer tudo, e da inteligência em ato, tornar-se, ao seu modo, tudo. Abstração do ser é o próprio da inteligência, alimento e operação, que antecede e oportuniza a *apreensão simples*.

3. Fruto da apreensão simples: o intelecto posto em ato.

Para justificar a *grandeza* desta operação, podemos citar duas passagens em que Santo Tomás enfatiza o valor da *apreensão do ser*:

³²*Léxico Medieval*. p, 36. Ver Abstrahere.

³³Jolivet, R. *Curso de Filosofia*. 1953, p. 198.

³⁴TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. II, C. LXVI.

A operação do intelecto conhece a essência; nesta operação, porém, há algo que lhe é pressuposto, que é o ser: de fato, a mente não pode conceber nada se não inteligir primeiro o ser³⁵. Nossa inteligência conhece naturalmente o ser e tudo aquilo que pertence ao ser enquanto tal; e neste conhecimento se fundamenta o conhecimento dos primeiros princípios³⁶. Objeto próprio do intelecto é aquilo que é³⁷.

Em todas as coisas há uma ordem, na inteligência, não é diferente. Os seres contraídos e absortos no mundo da matéria estão destinados a realizarem suas operações por meio da matéria, e assim, a serem sempre eles mesmos. A inteligência humana, até realizar a operação da abstração do seu objeto, em certa medida, também está limitada pela matéria que constitui seu ser e pela matéria que constitui as demais coisas a agir limitadamente. Todavia, ao abstrair o seu objeto, o universal, ela ganha seu verdadeiro corpo, sendo robustecida pelo ser de si, e pela transformação no ser de outro.

A inteligência por ser uma faculdade imaterial³⁸, precisa abstrair o essencial e universal das coisas materiais e particulares. A primeira coisa que a nosso intelecto concebe é o ser, a essência, a quiddidade da coisa. Do contato dos sentidos com o sensível, há a formação da imagem sensível, de onde é abstraído, pelo intelecto agente, a essência da coisa. Nessa relação vemos que o ser é para a inteligência e a inteligência, ao seu modo, é para o ser. Pela apreensão a inteligência realize seu ato e possibilite o desenvolvimento das ciências e dos saberes. Desta primeira operação, da apreensão do ser, a inteligência pode fornecer ao ser humano os primeiros princípios, e neles toda a razão está fundamentada e fixada. Santo Tomás ensina que, ao olharmos para o *modo* que o homem conhece, desse primeiro conhecimento da natureza das coisas é que se atualiza tudo, tanto no âmbito científico, antropológico e metafísico.

Santo Tomás em toda a questão 79 da *Primapars* da *Suma Teológica* ensina essa realidade. O ser humano, no *princípio é inteligente em potência*, devido à própria inclinação da inteligência ao saber, todavia, é quando o *intelecto agente* realiza sua operação sobre os *fantasmas* e abstrai o ser universal da matéria particular, que o intelecto realiza sua operação

³⁵ TOMÁS DE AQUINO, *In libros Metaphysicorum Expositio*, L.IV,1.6,605

³⁶ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. II, C. LXXXII.

³⁷ Idem, L. I, C. LVIII.

³⁸ “Ora, o intelecto não pode ser composto de matéria e forma individualizadas, pois as espécies das coisas inteligíveis tornam-se inteligíveis em ato enquanto são abstraídas da matéria individual. Além disso, enquanto são inteligíveis em ato identificam-se com o intelecto. Logo, é necessário que o intelecto seja sem matéria individual” TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os gentios*, L. II, C. L.

própria, sem mistura de matéria e espiritual. Nisto se fundamenta as principais atividades da vida humana: as ideias, os conceitos, o conhecimento da verdade e do bem, por meio de juízos e raciocínios; a vontade que se inclina aos bens que a inteligência apreende e que *são*; os hábitos e virtudes, que aperfeiçoam a inteligência, sejam intelectuais ou morais; e até mesmo, de certo modo, a Fé³⁹, como um bem espiritual diferente de uma experiência ou um sentimento, mas um ato de inteligência. Como afirmou acima Sertillanges⁴⁰, conheceremos os princípios espirituais ao modo da inteligência. Há os sentidos e as coisas materiais, pois bem, a inteligência atua sobre eles e produz a seu modo seu substrato. Contudo compreendemos neste trabalho que não nós é permitido conhecer as coisas sem passarmos por algumas etapas. E por passar por essas etapas a inteligência chega ao seu objeto *magno*. Escreve o Doutor Comum: “o intelecto humano, embora possa conhecer-se, contudo, o primeiro início do conhecimento tira do exterior”⁴¹.

Justifica-se a *grandiosidade* dessa operação, pois, pela apreensão do ser a inteligência começa a desenvolver suas características puramente espirituais. Portanto, logicamente podemos afirmar que é ao *captar o ser* que a inteligência tem a posse pacífica da certeza. “O intelecto não se engana ao conhecer aquilo que é, como não se engana o sentido quanto ao eu objeto próprio [...] o intelecto não erra nos primeiros princípios, mas as vezes erra nas conclusões as quais chega por raciocínios partindo dos primeiros princípios”⁴². Isso acontece devido a unidade e a simplicidade do seu objeto: *o ser*. Eis a certeza de nossa reflexão. O ser apreendido é *Conditio sinequa non* no processo metafísico e racional do conhecimento humano, mesmo que a razão, ao conhecer e ao produzir sobre si mesma a coisa concebida, por serem algumas realidades complexas, possa errar. A primeira operação é certa e disso depende todo o resto do saber. Por fim, o caminho após a apreensão é a adequação da mente ao ser, que pode ocorrer ou não. O que não é objeto de nosso estudo neste trabalho.

³⁹ A Fé como uma virtude sobrenatural, mas também como um ato da inteligência. Como ensina o padre Leonal Franca, no I capítulo do livro “*Psicologia da Fé*”, comentando São Paulo, que a Fé é o fundamento da esperança das coisas e das realidades divinas (*Sperandum substantiarerum*) e o argumento (*argumentum non apparentium*), dado por meio da inteligência, com o desejo de provar, de convencer, em sentido intelectual, das coisas que não se vem, que são as realidades divinas. Realidades que foram reveladas pela própria autoridade de Deus. Todavia, a adesão a essas verdades é uma graça de Deus, mas também é um ato da inteligência e da vontade livre do homem: “A Fé é um ato da inteligência pelo qual admitimos como verdadeira uma doutrina atestada pela autoridade divina” FRANCA, L. *Psicologia da Fé*. p. 16.

⁴⁰ Só por meio do corpo nos é dado conhecer, não digo já a matéria, mas também o espírito; pois toda a ideia, até mesmo a de Deus, radica primitivamente nas coisas, as quais só através dos sentidos entram em nós. Sertillanges, A-D. *As Grandes Teses da Filosofia Tomista*. 1951, p. 77.

⁴¹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. IV, C. XI.

⁴² TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. LXI.

4. Considerações Finais

Este nosso estudo teve como desejo investigar as etapas e compreender a primeira operação do conhecimento, *a apreensão simples do ser*. Não falamos nada de novo, apenas explicamos que, deste ato, *o ato da inteligência*, depende todo o edifício do saber humano.

O conhecimento da verdade versa sobre a adequação do nosso intelecto as coisas, e em torno desse tema gira este estudo. Entendemos a inteligência como o mais perfeito da espécie humana. O estudo da apreensão simples demonstra que se o intelecto não apreendesse as coisas, mesmo que confusamente, não poderia afirmar ou negar algo sobre elas. Portanto, para o jovem estudante negar ou afirmar que: “este outro é puro”, é *conditio inaequalis* que a inteligência, num primeiro momento tivesse apreendido o ser simples e universal de *ouro* e de *puro*. É pela razão que o homem chega à verdade, no entanto, só pela apreensão simples que o homem entende e apreende o ser e a ideia sobre o qual raciocinará.

Neste artigo, desejamos lembrar, a partir de Santo Tomás de Aquino, que o homem tem em comum com os brutos o sentido, ou seja, que é por meio dos sentidos internos e externos, que de certo modo o homem adquire conhecimento. E desse material, é dado início o conhecimento próprio de homem. Basta pensarmos na imaginação e na memória, e em todas as imagens que formulamos por meio de nossas experiências sensíveis, princípio do conhecimento, o que já é dito por Aristóteles no capítulo inicial da obra *Metafísica*. Por outro lado, exclama muitas vezes Santo Tomás, que é a razão que torna o homem mais excelente. Ora, a razão e o intelecto são a mesma potência. Todavia, diferentes são os seus atos. Ao conhecer os primeiros princípios o intelecto entende pura e simplesmente seu objeto. A razão humana, servindo-se dos primeiros princípios, isto é, se abastecendo, em um primeiro momento do ato da inteligência, pode realizar o seu ato, que é chegar de uma conclusão a outra, até a verdade inteligível.

Este estudo conclui que 1) toda verdade racional depende do ato primeiro e simples da inteligência que é a *apreensão do ser*; 2) por tudo que foi afirmado até este momento, salientamos que, mesmo que a inteligência humana seja capaz de formar ideias, realizar a inteligência, produzir conceitos e enunciados, sua nobreza reside no fato de ela *captar em si a realidade* e a essência das coisas *como elas são*, transformando-se em outro, sem perder nada de sua forma, pelo contrário, se aperfeiçoando e realizando seu ato. Pode-se perceber então que, na filosofia de Santo Tomás, a inteligência sem o ser, seu objeto, é estéril e caduca, como um açude ou um rio sem água. Assim como a água no açude produz às condições e permite a

vida se desenvolver, o encontro entre o ser e a inteligência é a causa essencial do modo de vida humana. *Por essa razão*, nosso espírito pode viver conforme suas potências, possuir virtudes para gerar a vida ao produzir e ensinar, e é capaz de conhecer tudo o que existe por meio do ser de cada realidade.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Metafísica vols. I, II, III, 2ª edição**. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Sobre a alma**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

CALDERÓN, Álvaro. **Umbral de la Filosofía**. Buenos Aires: Editora Moreno, 2011.

COPLESTON, Fredirick. **História de la filosofía: Volume II, [Sine loco] – [Sine nomine]**. 1946.

GARDEIL, Henri- Dominique. **Iniciação à Filosofia de São Tomas de Aquino – Psicologia, Metafísica**. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

_____. **Iniciação à Filosofia de São Tomas de Aquino – Introdução, Lógica, Cosmologia**. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia**. Tradução: Eduardo Prado de Mendonça. Rio de Janeiro: Editora agir, 1953.

MAGNAVACCA, Silvia. **Léxico Técnico de Filosofía Medieval**. Buenos Aires: Edições Minõ y Dávila, 2005.

MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Editora Paulinas, 1987.

LEONEL, F. **Psicologia da Fé**. Curitiba: Editora Calvariae, 2019.

ROUSSELOT, Pierrri. **A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à metafísica de Aristóteles**. Volume I. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Editora Vide, 2016.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Campinas: Eccesiae, 2017.

_____. **Suma Teológica**. Tradução: Dom Odilão Moura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Correia.
Campinas: Ecclesiae, 2016.

SERTILLANGES, A-D. **As Grandes Teses da Filosofia Tomista**. Braga: Editora Livraria Santa Cruz, 1951.

THEOBALDO, Miranda Santos. **Manual de Filosofia**. Rio de Janeiro: Edições Nacional, 1946.

TORRELL, O.P.-J.P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.